ALMIRANTE MAX JUSTO GUEDES

HELIO **LEONCIO** MARTINS
Vice-Almirante (Refº)

ARMANDO DE SENNA **BITTENCOURT**
Vice-Almirante (Refº -EN)

EDINA LAURA NOGUEIRA DA GAMA
Capitão de Mar e Guerra (RM1-T)

Este artigo reúne três textos, que foram apresentados por ocasião da homenagem póstuma ao Contra-Almirante Max Justo Guedes realizada na sede do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), no Rio de Janeiro, em 18 de abril último. O Almirante Max, sócio do IHGB, faleceu em 18 de novembro do ano passado.

Complementando esta matéria, e corroborando as opiniões dos autores, são anexados no final trechos de artigo publicado na *Revista da Armada*, de Portugal, de março de 2012, da Sessão de Homenagem ao Almirante Max realizada em 17 de janeiro deste ano, no auditório da Academia de Marinha lusa.

HOMENAGEM DO VICE-ALMIRANTE (REFº) HELIO LEONCIO MARTINS

"Quando fiz 65 anos, decidi encerrar minhas atividades civis. Durante 20 anos trabalhara muito para outrem e desejava agora fazer algo que, principalmente, me agradasse. Examinando o que podia ser, concluí que o primeiro lugar cabia a uma aproximação naval, pois a saída da Marinha 20 anos antes não havia me agradado, e a maresia absorvida no sangue desde os 15 anos continuava sempre a atuar. Quanto às atividades intelectuais, o assunto que mais me interessava em minhas leituras era a História, sem ter havido, contudo, um sistema que organizasse essas atividades.

As recordações que guardava das relações da Marinha com a História eram muito apagadas. Da Escola Naval, tinha lembrança do professor falando das velas de púrpura e dos vinhos capitosos dos navios de Cleópatra na Batalha de Actium. E havia três ou quatro devotados oficiais, sem especial apoio, que mantinham a Biblioteca e a *Revista Marítima Brasileira* como podiam e que haviam ultimamente publicado

utilíssimos volumes de documentos sob o nome de *Subsídios para a História Naval*. O arquivo da Marinha consistia em uma quantidade de pastas mantidas no úmido porão do edifício do Ministério, com um encarregado que sabia tudo e que, assim, não podia desaparecer, como desapareceu...

Mas tive também a notícia de um oficial moderno que, com suporte do ministro, estava transformando tudo com a criação de um Serviço de Documentação da Marinha. Resolvi procurá-lo e, se fosse o caso, oferecer minha cooperação. Procurei-o. Fui bem recebido. Perfilado, tratou-me de Vossa Excelência, mas a rigor queria era testar-me, e não se arriscar a conseguir um auxiliar que lhe desse mais trabalho do que auxílio.

Pude acompanhar de perto não só o valor do historiador Max como a sua capacidade de realização

De um projeto de *História Naval*, constando de cinco volumes, haviam sido publicados o primeiro e o segundo (com diversos tomos), cobrindo as explorações e as guerras coloniais contra a Espanha e a Holanda. O próximo lançamento já se referiria à Marinha republicana (o quinto volume), começando pelo segundo tomo, do fim da Grande Guerra (1918) ao fim da Segunda Guerra Mundial (1945), com acontecimentos mais recentes, escrito por elementos ainda deles participantes. Max dispunha de um esquema do livro, que não lhe agradava (soube depois); assim falou-me de seu desejo de outra versão e me pediu que a fizesse. Minha inexperiência, e mesmo incompetência, levaram-me a imaginar e a preferir uma bem simples. Como tudo na Marinha operativa é tratado obedecendo às divisões de Organização, Informações, Operações, Logística e Assuntos Complementares, dei essa forma à minha proposta, não muito confiante de que algo tão óbvio servisse. Exatamente sua simplicidade foi o que lhe agradou. E teve um gesto de coragem: perguntou-me se eu aceitaria ficar como encarregado da coordenação do livro e das redações que se tornassem necessárias. O desafio agradou-me. Aceitei.

Foram quatro anos de pesquisas, leituras de relatórios, entrevistas, pedidos para que alguém redigisse certos tópicos para os quais eu julgava ser ele o indicado para fazê-lo. Para mim teve todos os aspectos de um curso de História e, naturalmente, resultou em minha implicação com os meandros do Serviço de Documentação, o conhecimento dos que ali labutavam e longas conversas com o Max sobre detalhes e interpretações, que poderiam ter erguido uma muralha de discordâncias, mas que, ao contrário, estabeleceram maneiras de pensar semelhantes, pontos de vista históricos que se casavam. No fim de quatro anos, o volume, com suas 400 páginas, veio a público. Resultado: tornei-me um esboço pálido de historiador, e havia sido criada uma amizade pela vida inteira.

Outros volumes da *História Naval* vieram para minhas mãos, dois da Marinha republicana e um da Imperial. E meu envolvimento em estudos mais amplos de fatos histórico-navais, como a Revolta da Armada e a Revolta dos Marinheiros, e conferências, palestras e seminários foram sendo exigidos. Minhas relações internas com o Serviço de Documentação passaram a ignorar cercas hierárquicas ou distinções funcionais. Passei a ser algo no Serviço de Documentação, sem nunca descobrir o que fosse. Fazia pedidos. Era atendido. De vez em quando recebia uma papeleta de encaminhamento dizendo: 'para o almirante informar'. E, o que era mais inexplicável, eu informava.

Nesses 30 anos, sem uma linha escrita que a tornasse oficial, tive a satisfação de me sentir como parte do Serviço de Documentação, e depois de sua continuação, da Diretoria do Patrimônio Histórico. Por suas fileiras vi passar gerações de oficiais, incluindo historiadores, arquivistas, museólogos e bibliotecários de um quadro complementar, entre eles os membros de recém-criada legião feminina. Estes, tive o prazer de acompanhar desde seus primeiros passos na Marinha, segundos-tenentes, meio assombrados e perdidos naquele oceano masculino, mas transformando-se, com o merecido aumento dos galões, até em seguros e eficientes capitães de mar e guerra.

Nesta posição, pude acompanhar também de perto não só o valor do historiador Max como a sua capacidade de realização. Sem se afastar um milímetro da ideia de se estar criando o patrimônio histórico da Marinha, os diversos órgãos de que este dependia iam tomando forma. Com os volumes da *História Naval*, vieram à luz outros livros, cobrindo aspectos históricos particulares, e duas revistas, pois, além da vetusta *Revista Marítima Brasileira*, referindo-se ao mar em geral, aparecera a *Navigator*, só para assuntos históricos. E o Museu Naval foi enriquecido pelo Espaço Cultural da Marinha, por um navio veterano da guerra e um submarino. O arquivo, salvo da umidade do Edifício Almirante Tamandaré, passou a ser organizado com nova técnica, com casa nova, equipamentos novos, iconografia nova. A Biblioteca ganhou espaço apropriado. E a Divisão de História cresceu, dando razão a isso tudo, com historiadores aperfeiçoando-se em cursos especiais, em contatos com simpósios e seminários. As fronteiras da Marinha, e mesmo do Brasil, deixaram de limitar as atividades do Serviço de Documentação da Marinha ou da ampliada Diretoria, pois sua participação é constante em eventos relativos à História, nacional e internacionalmente.

Essa extensa lista dos feitos do Max, nos 37 anos nos quais esteve à testa do histórico da Marinha, é, a meu ver, incompleta. Houve algo, subjetivo, que teve amplidão e permanência acima de tudo o mais que aparecer. Com a aceitação de sua presença, a influência indireta do Serviço de Documentação fez-se sentir em toda a Marinha, e com isso foi se formando a preocupação desta com a memória, com o passado, que não tivera prioridade até então. As casas de memória, pequenos museus referentes às diversas instituições, multiplicaram-se. Passaram a tê-las o Corpo de Fuzileiros Navais, a Força de Submarinos, a Base Aérea Naval, a Diretoria de Hidrografia e Navegação e alguns Distritos Navais. Todas organizaram e exibiram as suas vidas passadas. Apareceram livros e revistas publicados cobrindo situações singulares. Comemorações de datas, de personagens com um passado, tiveram maiores projeções. A Marinha preocupava-se com seu passado e ele recebia os cuidados merecidos. Esta obra de repercussão subjetiva, de projeção não medida por razões materiais, mas sim pelos resultados indiretos que apareceram, foi a grande obra de Max Guedes!

Uma obra de repercussão subjetiva, de projeção não medida por razões materiais, mas sim pelos resultados indiretos que apareceram, foi a grande obra de Max Guedes, nos 37 anos nos quais esteve à testa do histórico da Marinha

E nos quadros desse passado, para cuja formação ele cooperou, coube uma figura que não era só de um grande realizador, mas de um historiador de escol. Os conhecimentos de Max Guedes sobre as navegações e a cartografia dos séculos XIV e XV são considerados, pelo seu valor, instituições históricas internacionais. Suas palavras, suas opiniões, seus escritos repercutem como definitivos, se ouvidas ou lidos nos congressos europeus, nas suas análises das teses sobre o assunto ou quando ocupava posições de julgamento. E seu nome é consagrado na memória da Marinha, que tanto lhe deve, e na lista dos homenageados por este Instituto, que hoje o reverencia."

"CONSTRUINDO SOBRE SÓLIDAS FUNDAÇÕES", PELO VICE-ALMIRANTE (REFº -EN) ARMANDO DE SENNA BITTENCOURT[1]

"Hesitei em adotar o tema desta apresentação: 'Construindo sobre sólidas fundações'. É inusitado, pois estarei relatando o que se realizou após a administração do Almirante Max Justo Guedes e não durante seu longo período de tempo à frente do Serviço de Documentação da Marinha (SDM) e, depois, da Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural da Marinha (DPHCM). No entanto, concluí que gostaria muito que meu futuro substituto mostrasse que aproveitou totalmente meu trabalho e, 'construindo sobre sólidas fundações', fez progredir e adaptar a novos tempos e oportunidades o que recebeu para gerir.

O Brasil e a prosperidade futura dos brasileiros dependem do bom aproveitamento do mar. É, portanto, importante que se desenvolva uma consciência marítima no País

Recebi a Diretoria em novembro de 2003. Ela estava separada do Serviço de Documentação, que lhe era, porém, subordinada. No conjunto das duas, já havia pessoal especializado: museólogos, historiadores, arqueólogo, arquivistas, bibliotecários, programadores visuais, informáticos, jornalistas, administradores, assessores e os militares necessários a segurança, manutenção e operação dos navios-museu. Havia exposições abertas ao público: no Espaço Cultural da Marinha (ECM), no Navio-Museu *Bauru* e na Ilha Fiscal; a Galeota de D. João VI já estava exposta no ECM. Os navios-museu eram o Rebocador *Laurindo Pitta* (da Primeira Guerra Mundial), o Contratorpedeiro *Bauru* (da Segunda Guerra Mundial) e o Submarino *Riachuelo* (da década de 1970). A Escuna *Nogueira da Gama* fazia, como ainda faz, o transporte de visitantes para a Ilha Fiscal. A Reserva Técnica já estava na Ilha Fiscal; o Arquivo da Marinha, na Ilha das Cobras; e a Biblioteca da Marinha na Rua Mayrink Veiga, ocupando parte do prédio tombado da extinta Embrafilme.

Além disso, continuava-se publicando a *Revista Marítima Brasileira* (criada em 1851); já funcionava o Projeto Escola, com dois ônibus da Marinha para o transporte de turmas de escolas públicas para visitar o ECM; havia peças de teatro nos fins de semana no ECM, para entretenimento de crianças visitantes; e a *Coleção da História Marítima Brasileira* estava quase terminada, faltando apenas o período do final da Guerra da Cisplatina até o final da Guerra da Tríplice Aliança.

1 Sócio efetivo do IHGB.

O propósito da Diretoria

Durante os últimos oito anos, a Marinha passou a dar muita ênfase ao que ela definiu como 'Amazônia Azul', mostrando que existe uma região costeira, no mar, que compreende a Zona Econômica Exclusiva e a Plataforma Continental brasileira, que tem o porte de aproximadamente metade da área terrestre do território do Brasil. Ou seja, existe no mar uma verdadeira 'Amazônia Azul', com petróleo, minérios, possibilidades de aquicultura para produção de alimentos e que, também, é passagem para o transporte marítimo internacional e da cabotagem. O Brasil e a prosperidade futura dos brasileiros dependem do bom aproveitamento do mar. É, portanto, importante que se desenvolva uma consciência marítima no País. Essa nova mentalidade, se bem estimulada, também criará condições para que se compreenda melhor e favoreça a Marinha, cuja necessidade passará a ser mais evidente, porque protege essas riquezas e os outros interesses brasileiros no mar.

O tema 'O Poder Naval na Formação do Brasil' possibilitou contar a História do Brasil do ponto de vista da importância do Poder Naval e do mar para o País

Quando a Diretoria se fundiu com o Serviço de Documentação, em 2008, extinguindo a DPHCM e alterando o SDM, criou-se a Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM). Em seu Regulamento, além de serem mantidas as tarefas do passado, ficou explícito o propósito de 'contribuir para o aumento da consciência marítima no País'. Isso oficializou uma nova postura, pois não lhe cabia apenas um propósito de relações públicas, mostrando principalmente a importância da Marinha para os brasileiros e suas tarefas subsidiárias de contribuição social ou, como consequência de suas necessidades, de estímulo ao desenvolvimento científico e tecnológico. Mostrar também a importância do mar e do Poder Marítimo, como um todo, no passado e no presente, para o Brasil; 'vender' um futuro de prosperidade por meio do bom uso do mar disponível.

Antecipando essa nova atitude diante da sociedade, inaugurou-se em 2006 uma nova exposição de longa duração[2], já que a exposição anterior estava desmontada havia mais de dez anos, desde a obra do 'Mergulhão' da Praça Quinze. O tema escolhido foi 'O Poder Naval na Formação do Brasil'. Esse tema evitava diversas dificuldades, inevitáveis se fosse escolhida, por exemplo, como abordagem 'A História da Marinha do Brasil', tais como explicar como a Marinha nasceu pronta, com oficiais de todos os postos, navios de vários tipos, arsenais funcionando, tradições e tudo mais, em 1822[3]. Além disto, seria inevitável incluir uma série de revoltas, de pouca ou nenhuma consequência para a História do País.

O tema 'O Poder Naval na Formação do Brasil' possibilitou contar a História do Brasil do ponto de vista da importância do Poder Naval e do mar para o País, em sete salas com exposições, que cobrem do Descobrimento ao Emprego Permanente do

2 N.A.: Termo que se usa no lugar de "permanente", pois se admite que será um dia renovada.

3 N.A.: A Independência foi uma revolução no Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves e parte da Marinha de Portugal aderiu à causa do Príncipe D. Pedro. Já que não havia ódio, foi importante contratar os cerca de 550 mercenários que lhe deram agressividade, por ganância evidentemente.

Poder Naval, nos dias atuais, passando pelas invasões que vieram do mar, pela expansão do território, pelo emprego do Poder Naval como instrumento da Política Nacional no século XIX, pela Guerra da Tríplice Aliança, pelas guerras e conflitos do século XX e pelo emprego do Poder Naval na paz.

O tema utilizado possibilitou diversos desdobramentos importantes. Serviu para a elaboração de um livro didático – *Introdução à História Marítima Brasileira* – que foi adotado para as escolas de formação da Marinha. Possibilitou também, após a criação do Projeto Uma Aula no Museu, em 2010, que escolas públicas e privadas (inclusive algumas entre as melhores do Rio de Janeiro) mandem suas turmas para terem aulas de História do Brasil[4] no circuito do Museu. Já se atendeu a milhares de alunos. As aulas são ministradas por oficiais de Marinha técnicos, com diplomas universitários em História, inclusive, alguns com mestrado. Acredito que esta é uma das contribuições mais importantes para a ampliação da consciência marítima no País, porque as novas gerações aprendem mais visualmente, com a presença de imagens e objetos expostos no Museu. A faixa etária desses alunos possibilita a boa fixação mental do que é ensinado.

A História como passou a ser apresentada também rompe um vício, muito criticado atualmente, de uma História Militar segregada que não considera outros aspectos além de batalhas e fatos militares. É uma História totalmente inserida na História do Brasil, e que tem a ver, principalmente, com o País.

A formação de equipes competentes

Para realizar com competência as tarefas que cabem à Diretoria, é preciso contar com equipes bem preparadas de especialistas profissionais. A criação do Corpo Técnico, que atualmente possibilita que pessoas formadas nas universidades entrem como oficiais para a Marinha e alcancem ao longo da carreira o posto de capitão de mar e guerra, permitiu que existam disponíveis excelentes recursos humanos, que podem ser aperfeiçoados aproveitando a sistemática de cursos, estágios e participação em simpósios existentes.

A Diretoria necessita do apoio de vários especialistas. Entre eles, destacam-se:

a) Museólogos – Atividades: exposições; conservação, aquisição, descarte e catalogação do acervo; e educação em museus – no Museu Naval e no ECM (peças teatrais, visitação guiada e oficinas). A Diretoria realizou um esforço para lhes aumentar o conhecimento dentro e fora do País, com participação ativa em atividades no exterior. Atualmente são experientes em projetar e montar exposições. Uma museóloga realizou estágio no Musée de La Marine National, em Paris; quatro participaram de viagens oficiais a museus e simpósios nacionais e internacionais, inclusive aos congressos do Comitê Internacional dos Museus e Coleções de Armas de História Militar (Icomam), do Conselho Internacional de Museus (Icom).

b) Historiadores e arqueólogos – Atividades: pesquisa, divulgação (apresentações em simpósios, artigos em revistas, livros didáticos e livros de referência), educação (aulas no Museu, aulas em outras organizações da Marinha), apoio especializado de Arqueologia ao Estado-Maior da Armada e fiscalização de explorações subaquáticas autorizadas. Deu-se atenção especial ao curso de pós-graduação (*lato senso*) em História Militar da Unirio, tendo em vista

4 N.A.: História do Brasil "vista do mar". Mas outra abordagem do tema da exposição de longo prazo dificilmente possibilitaria a compatibilidade com o currículo das escolas.

deficiências, em geral encontradas nos cursos universitários brasileiros, que dão pouca atenção à História Militar. Além disso, a Diretoria atualmente conta com três mestres, e diversos estão se aperfeiçoando – pela Marinha (um mestrando) ou particularmente (dois doutorandos). Estão em andamento o Projeto Uma Aula no Museu Naval e diversas participações em simpósios nacionais e internacionais, e está em elaboração o Mapa dos Locais de Naufrágios de Interesse Histórico da Costa do Brasil, que possibilitará à Marinha um melhor conhecimento da situação do patrimônio histórico submerso, tendo em vista que lhe cabe a fiscalização.

c) Arquivistas – Atividades: arquivamento, recuperação de informações, classificação de documentos, conservação do arquivo, conservação de documentos, identificação de conjuntos documentais importantes para o registro da Memória do Mundo da Unesco[5]. Atualmente a Diretoria conta com um mestre e diversos se aperfeiçoando (mestrado em Ciência da Informação).

d) Bibliotecários – Atividades: disponibilização de livros (atendimento ao público, atendimento a outras bibliotecas do sistema de Bibliotecas Integradas da Marinha e das Forças Armadas), monitoração do Sistema de Bibliotecas Integradas e conservação de livros.

Além desses especialistas, a Diretoria conta com vários outros, igualmente importantes, como jornalistas, programadores visuais, informáticos, administradores e militares de outras especialidades, que são também essenciais para seu bom funcionamento e submetidos a um programa de adestramento.

Navios e helicóptero-museu

O Rebocador *Laurindo Pitta* realiza anualmente cerca de 500 passeios com visitantes na Baía de Guanabara; para isso, possui duas tripulações completas, que se revezam.

O *Bauru* passou por uma grande restauração e ficou pronto em 2012; está aberto ao público e é muito visitado.

A Escuna *Nogueira da Gama* continua transportando os visitantes para a Ilha Fiscal.

Foram recebidos pela Diretoria o Helicóptero Rei do Mar e o modelo de Nau dos Descobrimentos.

O Submarino *Riachuelo* iniciou um grande período de manutenção em 2012.

Exposições

No ECM: A Galeota de D. João VI foi restaurada, com nova douração a ouro[6], e foram acrescentados todos os remos; as exposições de longo prazo foram desmontadas para possibilitar obra de recuperação das fundações do prédio (concluída); em andamento, um projeto de Museu Marítimo Internacional para o ECM; realizadas quatro exposições temporárias na área já recuperada ('Marinhas em Papel', '30 Anos da Mulher Militar na Marinha', 'O Brasil, a França e o Mar' – conjuntamente com o Musée de La Marine, de Paris – e 'Azul da Cor do Mar') – o complexo cultural é visitado por mais de 300 mil pessoas anualmente.

No Museu Naval: Inaugurada em 2006 a exposição de longa duração 'O Poder Naval na Formação do Brasil'; realizadas várias

5 N.A.: A Marinha possui três conjuntos documentais inscritos na Memória do Mundo – Brasil (MOW Unesco – Brasil): o Arquivo Tamandaré, com a correspondência passiva do Almirante Tamandaré; um manuscrito que veio de Portugal com a Academia de Guardas-Marinha, "As Famosas Armadas que para a Índia Foram"; e conjunto de Folhas de Bordo e outros documentos produzidos para o levantamento hidrográfico da costa do Brasil, pela Diretoria de Hidrografia e Navegação (DHN).

6 N.A.: Pela Fundação Espírito Santo durante 2008, como um dos projetos das comemorações do Bicentenário da Transmigração da Família Real Portuguesa para o Brasil.

exposições temporárias, inclusive conjuntamente com o Museu Marítimo de Lisboa.

Na Ilha Fiscal, manteve-se a exposição que já existia em 2003.

No *Bauru*, uma nova exposição sobre a participação da Marinha do Brasil na Segunda Guerra Mundial será inaugurada em 8 de maio de 2012, com ênfase na Campanha do Atlântico, uma das mais importantes da Segunda Guerra Mundial.

No Rebocador *Laurindo Pitta*, existe uma exposição sobre a participação da Marinha do Brasil na Primeira Guerra Mundial.

Na Nau dos Descobrimentos, há uma exposição sobre a vida a bordo naquela época.

No Helicóptero Rei do Mar, assiste-se a um vídeo sobre a Marinha.

Reserva Técnica

A Reserva Técnica continua na Ilha Fiscal e está passando por grande ampliação de área. O acervo interno da DPHDM foi totalmente cadastrado (mais de 20 mil itens), com apoio e patrocínio da Fundação Vitae e, após a saída da Vitae, da Caixa Econômica. Com a conclusão do cadastramento interno, será iniciado o cadastramento do acervo externo controlado pela DPHDM, em toda a Marinha.

Arquivo da Marinha na Ilha das Cobras

Remediado o problema de pessoal com a contratação de militares (praças) da Reserva da Marinha (Tarefa por Tempo Certo) para as tarefas do Arquivo. Em andamento diversas adaptações às novas legislações, estudos de ampliação de área e de recursos para obtenção de equipamentos.

Biblioteca da Marinha

O bom êxito do Sistema de Bibliotecas Integradas da Marinha (Rede BIM) fez com que o Ministério da Defesa criasse a Rede de Bibliotecas do Ministério da Defesa, já em funcionamento.

Revista Marítima Brasileira (RMB) e Navigator

Mantida a publicação trimestral da *RMB* e ampliada a edição para 8.400 exemplares.

Voltou-se a publicar semestralmente a *Navigator*, a partir de 2005, atualmente com 3 mil exemplares, após oito anos paralisada.

As duas revistas estão no Sistema Qualis de Avaliação de Periódicos, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), o que estimula a participação da comunidade acadêmica brasileira e contribui para divulgar a consciência marítima no País."

"ALMIRANTE MAX GUEDES – UM POUCO DE SUA HISTÓRIA", PELA CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1-T) EDINA LAURA NOGUEIRA DA GAMA

"Servi sob as ordens do Contra-Almirante Max Justo Guedes nos anos 1978/80, ainda estagiária no Serviço de Documentação da Marinha (SDM), quando cursava a faculdade de História; e depois, no período 1988/2003, já oficial da Marinha do Brasil (MB). Assim, pude assistir, ou melhor, participar de boa parte do processo da construção e afirmação de uma frase recorrente: 'Conhecer a história marítima e naval brasileira é um precioso instrumento de divulgação das atividades da Marinha do Brasil e, principalmente, da importância da instituição para o País, ontem, hoje e sempre'.

Sim, esse foi o rumo norte do Almirante Max ao longo do seu tempo à frente da gestão cultural da Marinha, que perdurou por 35 anos. Perseguiu um sonho que viu acontecer ainda em vida: o Complexo

Cultural da Marinha no Rio de Janeiro. E o que não dizer de todas as atividades técnicas hoje desenvolvidas pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM) nas áreas de história, museologia, arqueologia subaquática, arquivologia e biblioteconomia, e ainda sobre as publicações e divulgação de livros, periódicos e artigos histórico-culturais de cunho marítimo-navais? Em contrapartida, e o reconhecimento da Marinha do Brasil aos seus feitos, dando-lhe as honras e o título honorífico de contra-almirante?

Há muito para contar acerca desse militar tão ímpar, que, não satisfeito com suas realizações na área cultural da Marinha, buscou ainda o conhecimento e a releitura da história marítima e naval brasileira.

Alte. Max, militar tão ímpar, que, não satisfeito com suas realizações na área cultural da Marinha, buscou ainda o conhecimento e a releitura da história marítima e naval brasileira sendo reconhecido para além das fronteiras do País

Seguindo o que se convencionou chamar de 'a matriz de Varnhagen' na história do Brasil, tornou-se um profundo especialista nos temas referentes à náutica e à cartografia, incrementando uma historiografia da técnica e da guerra e estimulando o desenvolvimento de pesquisas dessa natureza não apenas no Brasil, mas também em Portugal. Nesse sentido, teve como agentes de interlocução grandes referências da historiografia portuguesa nessa área, como Jaime Cortesão, Luís de Albuquerque, Joaquim Romero Magalhães, Avelino Teixeira da Mota e Armando Cortesão, por exemplo. Ademais, aprofundou as análises e investigações acerca da própria história naval brasileira, sendo reconhecido como tal para além das fronteiras do País.

As notas publicadas por ocasião de seu falecimento pelos *sites* do Instituto de Estudos Estratégicos da Universidade Federal Fluminense (UFF), da Biblioteca Nacional, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), da Comissão Nacional para os Descobrimentos Portugueses (Lisboa, Portugal), da Universidade de São Paulo e da Academia de Marinha de Portugal, entre outras instituições culturais e acadêmicas no Brasil e no exterior, não deixam dúvidas a respeito. Como exemplos, cito alguns comentários extraídos desses textos: 'a historiografia brasileira está de luto', 'morre Max Justo Guedes, ícone da história naval brasileira', 'pioneiro em tantos temas', 'sua contribuição para a história da cartografia brasileira é inestimável', 'considerado internacionalmente um dos maiores especialistas da cartografia luso-brasileira', 'incansável formador de novas gerações de pesquisadores', 'mudou os estudos da história naval no Brasil'.

Enfim, ao escrever os dois parágrafos acima, cumpri uma das numerosas máximas do Almirante Max Justo Guedes, qual seja, a busca da isenção pelo profissional de história, com o concurso da documentação existente (essencial à produção histórica, como ele mesmo dizia) no trato da narrativa; no caso, contar um pouco da sua trajetória em vida e do seu legado.

Como visto, há uma constatação na história cultural da Marinha do Brasil – o antes e o depois do Almirante Max. Na construção dessa afirmativa, um começo – as razões da sua opção militar-profissional pelo então Serviço de Documentação da Marinha (SDM), embarcando como vice-diretor, ainda capitão de fragata, numa

Organização Militar (OM) fragmentada e desconhecida para a própria Marinha.

Encontrei algumas possíveis respostas para sua opção: 1) os compromissos profissionais da carreira tradicional o afastariam dos livros, que 'devorava' desde muito cedo, e de suas pesquisas; 2) o nível de competição das turmas com as quais convivera na Escola Naval (observação dele, que muito se orgulhava de pertencer à Turma de 1946 da Escola Naval), tornando difícil sua ascensão na carreira naval; 3) o momento político, já que recebera a missão do ministro da Marinha à época (1968) de recriar o Museu Naval com total apoio da administração naval (tanto foi que conseguiu incluir a Biblioteca da Marinha, o Arquivo da Marinha, a *Revista Marítima Brasileira* e o Departamento de História Marítima no processo, aglutinando-os no mesmo espaço físico do prédio da Rua Dom Manuel, nº 15, no Rio de Janeiro); 4) suas aulas com o historiador português Jaime Cortesão e o contato com o Almirante Avelino Teixeira da Mota, renomado historiador naval português na área da náutica e da cartografia, bem como com outros grandes especialistas em temas e áreas afins, inclusive gestores culturais; 5) as viagens ao exterior, onde visitava bibliotecas, arquivos, museus, leilões de objetos de arte e cultura, trazendo-lhe modelos de gestão cultural; e 6) seu próprio perfil, a reunir qualidades normalmente encontradas nos grandes empreendedores – como autoconfiança, inteligência e memória apuradas; determinação; capacidade de trabalho; perspicácia administrativa; senso político; retórica; visão de futuro; obstinação e, por que não, um enorme carisma.

Há uma constatação na história cultural da Marinha do Brasil – o antes e o depois do Almirante Max

Impende também pontuar aspectos da trajetória percorrida pelo Almirante Max no desenvolvimento e crescimento do SDM (hoje DPHDM[7]). Em 1972, foram inauguradas as novas instalações no prédio da Rua Dom Manuel, ali sendo alocadas todas as áreas técnicas, com suas configurações físicas e um grande problema: o espaço destinado aos acervos bibliográfico, arquivístico e museológico sob responsabilidade da instituição. Esses dois últimos não estavam localizados apenas nas pequenas três salas do Prédio Almirante Tamandaré e no seu subsolo, mas juntamente com alguns livros raros, distribuídos pelas organizações da Marinha e extra-Marinha. Sem falar do material histórico existente sob a guarda de museus, arquivos e bibliotecas que o Almirante Max visitava no exterior. E os mapas que tanto desejava para seus estudos sobre a cartografia brasileira? E os documentos que continuavam a ser produzidos pela instituição contando a história da Marinha do Brasil?

Era preciso guardar, preservar, conhecer, classificar e divulgar todos esses materiais histórico-culturais e colocá-los sempre perto um dos outros, 'conversando' e produzindo mutuamente, para assim, juntos e fortes, difundir a missão do SDM/DPHDM junto à Marinha.

Inicialmente, o instrumento para esse alcance foi a reestruturação do regulamento e do regimento do SDM, com suas atividades

7 N.A.: A Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha foi criada em 2008, sendo oriunda da fusão das atividades do Serviço de Documentação da Marinha e da Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural da Marinha, que, criada em 1997, teve até 2003 como seu diretor o Contra-Almirante Max Justo Guedes (foi extinta em 2008).

fim e administrativas, obedecida a legislação federal pertinente a cada área técnica e à própria Marinha. Em paralelo, a busca da profissionalização da sua tripulação, aliada ao fomento e à divulgação das ferramentas necessárias à valorização de sua memória, no intuito de tecer a mentalidade histórico-cultural da Força.

Hoje, fazemos a triagem dos documentos produzidos pelas OM e seu recolhimento à DPHDM; as visitas técnicas; o tombamento e a preservação de objetos culturais, sob orientação técnica da DPHDM; a escrituração do Livro de Estabelecimento das Organizações Militares; o recolhimento do material à DPHDM quando da extinção de uma Organização Militar; a doação de livros e objetos de valor histórico-cultural para DPHDM; e, ainda, a produção de artigos e livros acerca da memória marítimo-naval brasileira, com ênfase para os periódicos produzidos pela Diretoria – a *Revista Marítima Brasileira* e a revista *Navigator*, que foi criada pelo Almirante Max com o propósito de publicar artigos acerca da história marítima e naval brasileira. Houve também a retomada e o crescimento das bibliotecas rotativas, levando cultura aos navios da Marinha; a criação da biblioteca volante para as organizações de terra da Força e a rede de bibliotecas integradas da Marinha do Brasil (Rede BIM).

Nesse processo, como o próprio Almirante Max dizia, foi fundamental o empenho do pessoal civil da Marinha, principalmente nos anos de estruturação técnico-administrativa do SDM/DPHDM, 1968-1982 (muito se ressentia com as aposentadorias e a não reposição desses 'guardiães da memória do SDM'). Depois, foi instituído o então Corpo Auxiliar Feminino da Marinha, com suas historiadoras, bibliotecárias, arquivistas, jornalistas e museólogas para compor a tripulação da OM. E foram chegando os seus grandes colaboradores, oficiais da reserva da Marinha do Brasil, cujas carreiras e perfis os habilitavam a compartilhar e a contribuir para a valorização da história marítima e naval brasileira.

Os anos 1984/1999 representaram um crescimento acelerado das atividades histórico-culturais exercidas pelo SDM, inclusive com a ampliação do espaço físico da instituição, com o prédio da Ilha das Cobras, o Espaço Cultural da Marinha, o Navio-Museu *Bauru*, o Submarino-Museu *Riachuelo*, o Rebocador-Museu *Laurindo Pitta*, o prédio da Rua Mayrink Veiga (para onde foi transferida a Biblioteca da Marinha) e a Ilha Fiscal.

O Almirante Max buscou sempre o 'pouco solicitar' e muito realizar e, assim, divulgar as atividades culturais

Por essa época, o Almirante Max sempre reverenciava as ações decisivas dos chefes navais para a afirmação da área cultural na Marinha do Brasil. Entretanto, em que pesem os momentos políticos a favorecer essas tomadas de decisões, foi preciso se fazer conhecer e persuadir as autoridades navais. E assim aconteceu. O Almirante Max buscou sempre o 'pouco solicitar' e muito realizar e, assim, divulgar as atividades culturais exercidas pelo SDM e pela então Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural da Marinha (DPHCM). Desse modo, por um longo período, sua agenda foi lotada de representações e palestras pelas organizações de Marinha e extra-Marinha, fossem elas de temas históricos ou apenas de divulgação das atividades culturais do SDM, hoje DPHDM.

Sua rotina diária era espartana na distribuição e discussão das atividades histórico-culturais da OM. Os eventos eram numerosos, a começar pela assessoria às demandas histórico-culturais intra e extra-Marinha e outras mais, exposições temporárias, efemérides marítimo-navais, seminários, congressos, palestras etc. Exigia o máximo de sua tripulação no cumprimento das atividades, fossem elas de rotina (caso das mostras de uniforme e inspeções das instalações) ou não, parecendo estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Era sempre claro, objetivo e contundente em suas ordens, mostrando 'o quê' ou 'como' fazer, também parecendo tudo saber... quando não, onde procurar... A todo momento, até pelo próprio exemplo, lembrava à sua tripulação as premissas e tradições da instituição Marinha do Brasil. Era preciso divulgá-las nos espaços culturais da DPHDM, a começar com o apuro das instalações, dos uniformes, no trato com os civis e na busca pela perfeição na realização de qualquer atividade, para assim honrar os marinheiros que estão no mar.

Mas havia outro Max Justo Guedes que, em paralelo ao desenvolvimento da área cultural da Marinha do Brasil, e junto a este, fazia crescer, renascer, ou mesmo ser revisitada, a história marítima e a história naval brasileira. E que começara antes esse processo, ainda em 1963, com a publicação, pela Diretoria de Hidrografia e Navegação, da Derrota dos Grandes Navegadores.

Sua produção historiográfica, intensificada nos anos 80 e multiplicada a partir dos anos 90[8], só terminou em 8 de novembro de 2011, com sua morte, deixando inacabados vários projetos, entre eles um roteiro sobre a construção das fronteiras amazônicas (na última vez que nos falamos, comentou entusiasmado sobre o assunto).

A respeito da contribuição ao estudo da cartografia luso-brasileira e à história da náutica e da navegação nos séculos XIV a XVIII, é reconhecido mundialmente

A esse respeito, é fato sua contribuição ao estudo da cartografia luso-brasileira e à história da náutica e da navegação nos séculos XIV-XVIII, pelos quais é reconhecido mundialmente. Seus trabalhos fazem caminhar juntas a ciência marinheira e a própria história marítimo-naval. Neles, estas 'dialogam entre si'. Ao mesmo tempo, com os seus estudos, tornou-se um dos pioneiros na articulação dos conhecimentos historiográficos do 'Atlântico de língua portuguesa',[9] aproximando de modo estreito os pesquisadores brasileiros e portugueses. Esse reconhecimento iniciou-se nas instituições culturais, e depois caminhou para a área acadêmica.

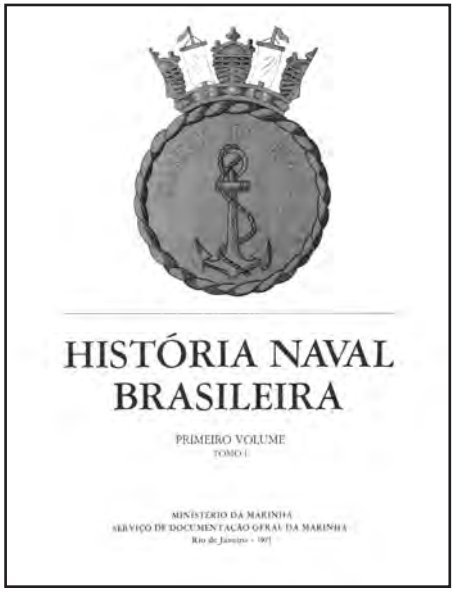
Mas, como testemunha e personagem atuante de um pouco da história do Almirante Max, considero a Marinha do Brasil a maior beneficiária da sua produção historiográfica. Basta conferir o acervo hoje existente na Biblioteca da Marinha, incluindo sua preciosa Mapoteca e o Ar-

8 N.A.: A criação da Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural da Marinha (DPHCM), em 1997, desobrigou o Almirante Max, como seu diretor, da execução das atividades culturais, que continuaram a ser exercidas pelo SDM, cabendo-lhe a normatização da área cultural na MB, bem como a supervisão e fiscalização das atividades culturais exercidas pelo SDM, muitas vezes emanadas da própria DPHCM.

9 MONTEIRO, Nuno Gonçalo. "Prefácio", in LOUREIRO, Marcello. *A Gestão no Labirinto: circulação de informações, formação de interesses e construção da política lusa para o Prata (1640-1705)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2012, p. 15-18.

quivo da Marinha, bem como o seu acervo museológico. E, especialmente, a coleção *História Naval Brasileira*, fonte expressiva de toda essa riqueza de documentos. Iniciada em 1975, sob sua coordenação, é composta de nove livros, tendo diversos autores, além do próprio Almirante Max. Trata de toda a história marítima que se relaciona com a história do Brasil, desde o período da expansão marítima, no século XV, até o fim da Segunda Guerra Mundial e suas resultantes, exceto os períodos da consolidação do Império e da Guerra do Paraguai, ainda a serem produzidos.

Até então, a história da instituição, notadamente elogiosa, não havia feito uso, no dizer do próprio Almirante, 'da espécie idônea do reconhecimento público, que é a verdade histórica; em lugar dos lauréis, que se entrelaçam à retórica, a narração, a pesquisa, o documento, que impõem e pressupõem a justiça', a exaltar tantas glórias. E as fazer conhecidas.



Obra composta por 9 livros, coordenada pelo Alte Max

Enfim, é possível afirmar que o Almirante Max Justo Guedes tornou-se um verdadeiro personagem da história marítima e naval brasileira, que tanto conheceu e divulgou sob vários aspectos, em distintas dimensões. Em uma delas, a gestão cultural, deixou um de seus maiores legados – a estrutura de pessoal capaz de manter e continuar mais facilmente o desenvolvimento alcançado pela Marinha nessa área, em que o caminho a ser percorrido nos dias atuais passa, inicialmente, pelas universidades. São as gerações de oficiais historiadores, bibliotecários, arquivistas e museólogos do Quadro Técnico do Corpo Auxiliar da Marinha que se seguem a ele, além de algum outro oficial, que, mesmo oriundo da Escola Naval, veja no exemplo do Almirante Max uma história a ser revisitada."

TRECHOS DA HOMENAGEM DA ACADEMIA DE MARINHA DE PORTUGAL

Em novembro de 1988, o Almirante Max Justo Guedes escrevia sobre a ligação de seu trabalho com Portugal. "É minha modesta contribuição à divulgação e melhor conhecimento da gesta maior do querido e admirado povo lusitano e meu sincero agradecimento pela obra magnífica por ele realizada em meu país, descobrindo, povoando, colonizando, civilizando e expandindo-o a limites quase inacreditáveis e legando-o unido política e socialmente, aos brasileiros de hoje".

Tendo em vista esta relação estreita entre o almirante brasileiro e, historicamente, entre Portugal e Brasil, três integrantes da Academia de Marinha daquele país discursaram sobre o Almirante Max Justo Guedes.

A sessão foi aberta pelo presidente da instituição, Vieira Matias, que, destacando a profunda ligação entre a Academia e o Almirante Max, recordou que este integrou o primitivo Grupo de História Marítima como

membro efetivo desde 1970, sendo o primeiro estrangeiro a pertencer aos seus quadros. "Nesses 42 anos, nos visitou regularmente e acolheu no Brasil, sempre com assinalável hospitalidade, os seus pares e os demais estudiosos da História Marítima que sempre convidava". Vieira Matias acrescentou que o Almirante Max participou das atividades da Academia em comunicações apresentadas em sessões e também integrando o I Simpósio de História Marítima. Colaborou, ainda, com a obra *História da Marinha Portuguesa*, lançada em 2003.

Na alocução intitulada "Max Justo Guedes, o homem e o marinheiro", o acadêmico António Estácio dos Reis falou sobre a vida do homenageado desde a sua infância. Referiu-se a também se dever ao Almirante Max a oferta, pelo governo brasileiro, do primeiro astrolábio do acervo do Museu de Marinha de Portugal e também o sucesso da exposição "Portugal-Brasil – The Age of Atlantic Discoveries", realizada em 1990 na Biblioteca Pública de Nova Iorque. Ao finalizar seu discurso, disse: "Sua obra imensa ficou desoladamente inacabada".

"Ciência Náutica e Cartografia na obra de Max Justo Guedes" foi a alocução do acadêmico Inácio José Guerreiro, que atestou a relevância das contribuições e iniciativas do homenageado na referida área e a sua importância nas reuniões da Comissão Internacional de História da Náutica.

A última conferência, intitulada "O descobrimento do Brasil na obra de Max Justo Guedes", foi apresentada pelo acadêmico António Dias Farinha. "Para entender os descobrimentos portugueses, o Almirante descreveu o clima político que condicionou as navegações portuguesas no século XV, prestando particular atenção às bulas papais", disse, acrescentando que a vasta obra do Almirante Max sobre viagens e descobrimentos foi alicerçada pela carreira de marinheiro e capacidade de observação das condições físicas da navegação e, em particular, das que condicionam a chegada e o reconhecimento das costas e que permitem a identificação dos locais.

🗁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<NOMES>; Guedes, Max Justos; História Marítima; História Naval; Museu; Cultura;